

Heinrich Racker: 60 anos não é nada?

Em seus *Estudos sobre a técnica psicanalítica*, Racker comparava a técnica clássica e a técnica que, naquele momento, ele chamou de atual. Argumentava que, nesses 60 anos desde as primeiras formulações de Freud, existiam controvérsias entre diferentes grupos analíticos em função do modo de interpretação e emprego da transferência e, além disso, da contratransferência.

Nesse momento, Heinrich Racker estabeleceu um marco fundamental em nossa disciplina. Sua contribuição trouxe uma mudança de perspectiva que levou a que se deixasse de considerar a contratransferência como um mero obstáculo, para passar a entendê-la como um valioso instrumento técnico. No dinâmico, por sua vez, a descrição do fenômeno de transferência também adquiriu complexidade e, em vez de ser vista apenas como resistência, foi entendida como a expressão da *resistência mais o resistido*.

Uma consequência inevitável dessa mudança é que a técnica analítica evoluiu, passando de um ambiente distante, intelectualizado e de desconfiada cautela a um âmbito onde se possa desencadear um vínculo analítico mais acolhedor, empático e, sobretudo, mais fluido, porque – dizia Racker – foi o que muitos psicanalistas foram compreendendo em sua teorização e na clínica.

Hoje nos encontramos 60 anos após a publicação destes conceitos, e faz-se oportuno discorrer sobre o valor e vigência da sua obra.

Os analistas que nos encontramos familiarizados com suas ideias compartilhamos as memórias e revivemos o prazer de tê-las estudado, confirmando na clínica a amplitude e a profundidade do conhecimento que nos legou o jovem mestre.

Também 60 anos se passaram desde então, fazendo aflorar a imagem de uma grande biblioteca psicanalítica que, naturalmente, é rica em tesouros que permanecem relegados em algum canto, esperando para ser redescobertos e resgatados do sepultamento. Embora sejamos muitos os psicanalistas que atribuímos um valor de extrema importância para as ideias de Racker, existe também um importante setor que as discute ou as ignora. E isso leva a perguntar: qual é motivo pelo qual uma produção plena de erudição psicanalítica permanece ausente em tantos âmbitos de discussão clínica? Racker foi um autor imerso – ele e, posteriormente, suas contribuições – nos caprichos das ideologias e da política das instituições psicanalíticas.

Caráter e destino

Sem negar os princípios clássicos da aritmética, geometria ou álgebra, a física quântica realizou desenvolvimentos notáveis. Essa ciência delimitou os âmbitos em que atua sob o modelo da relatividade, embora reconhecendo que para construir um foguete ou um ciclotron ainda é necessário recorrer aos conhecimentos tradicionais de Euclides ou Newton. Isso evidencia que os conceitos, mesmo quando aparentemente não se integrem, na medida em que mantêm seu valor de verdade, não se excluem. Por isso, é necessário trabalhar com afinco a fim de alcançar uma melhor explicação das ligações entre diferentes modelos.

Certo consenso psicanalítico parece mover-se sob a influência de correntes que interpretam a adesão às conceituações de determinado autor, a um certo modelo de pensamento ou uma técnica psicoterapêutica particular, como uma espécie de estagnação em um paradigma obsoleto.

Freud (1911/1988) expôs que a entronização de uma igreja sobre as ruínas do templo de Diana testemunha o sepultamento do culto anterior. Haddad (1990/1993), por sua vez, descreve a identificação com o texto e os autores preferidos como um fenômeno que, em uma posição extrema, “excomungaria” as teorizações prévias. Embora, na atualidade, os manuscritos das antigas “religiões” não são incinerados, observamos o desaparecimento dos seminários kleinianos, ou a diminuição da oferta e afluência aos seminários freudianos, manifestações dessa tendência ao *sepultamento*.

Em *Fahrenheit 451* (Bradbury, 1953/2005), em um mundo que incinera e erradica os livros, surge um movimento rebelde constituído de pessoas que, a modo de “livros vivos” mantêm a memória do seu conteúdo. Analogamente, no tecido do mundo psicanalítico, a biblioteca e os especialistas cumprem esta missão, que transcende modas e tentativas de declarar certos conhecimentos como obsoletos.

Essa concepção da obsolescência poderia explicar – pelo menos em parte – a pouca estima que alguns analistas têm das contribuições de Heinrich Racker, seja por considerar seu léxico e seu esquema da “fantasia/impulso-ansiedade-defesa” carentes de vigência, ou pela descrição da estratificação psicopatológica, enraizada no pensamento kleiniano, uma perspectiva que o consenso procurou relegar. Sua forma singular de compreender o padecimento também desperta reações mistas, o que para alguns constitui um dos valores fundamentais em seu pensamento, para outros é uma mera idealização do potencial de Eros.

O pensamento e a clínica de Racker caracterizam-se por sua empatia. Sua noção de compaixão é perfeitamente discernível em relação à pena de um superior por um outro caído. É, no entanto, a profunda compreensão de que a frustração constitui a matriz de todo o sofrimento, e que a agressão e os sentimentos persecutórios surgem dessa carência (Racker, 1957¹, p.p. 276-277).

Para não ser consumido, um organismo em estado de carência gera o impulso em direção ao objeto que satisfaria a necessidade, cancelando a excitação em sua fonte. Racker emprega o termo *Notwendigkeit* que, não obstante se traduza como “necessidade”, significa mais precisamente “transtroca da miséria”. Essa carência – ou miséria – é a dor mais primária do sujeito, sendo as condutas psicopáticas, as defesas maníacas ou as ansiedades paranoides algumas das defesas que se estratificam para tramitar esse sofrimento.

Em nossa época, empenhada em singularizar o especificamente contemporâneo de nossa clínica, valeria o esforço de discutir se existe, na conceptualização

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. Uma versão reduzida deste trabalho foi originalmente apresentada em 1953, na Asociación Psicoanalítica Argentina.

metapsicológica e estrutural da clínica, na diversidade de manifestações psicopatológicas, algo mais que a profunda e fundamental carência. Carência de amor, de limites, de estrutura.

Quando Racker chegou a Buenos Aires em 1939, com 29 anos, já contava com uma formação científica e cultural notável: músico, filósofo e pedagogo.

Emigrado de Viena como consequência da Grande Guerra, observou como a própria comunidade judaica local era pouco hospitaleira com esses estrangeiros com roupa e sotaque diferentes. Sendo um estudante excepcional, um amante do futebol e um brilhante intérprete musical, teve que adiar seu desejo de ser médico frente ao declínio econômico, a doença e a morte de seu pai em plena ascensão do nazismo. Ainda assim, com 25 anos, recebeu seu doutorado em filosofia na Universidade de Viena, ingressou no ano seguinte no Instituto de Psicanálise e começou sua análise com Hans Lampl. Aos 27 anos, ingressou na Faculdade de Medicina, mas no ano seguinte, quando os nazistas invadiram a Europa Central, teve que fugir.

Depois de um ano de privação na Dinamarca, chegou a Buenos Aires, onde, apesar de seus limitados recursos econômicos, procurou reiniciar sua formação psicanalítica. Durante um ano, analisou-se com Ángel Garma e depois com Marie Langer, quem, ao conhecê-lo, relatou ter pensado que, aos 32 anos, “parecia um adolescente apaixonado, que procura a verdade, atormentado, inteligente, honesto e com grande fé na bondade do homem”. Racker viveu com grande intensidade, amor e humor, como se estivesse habitado pela secreta intuição de seu fim precoce. Entre 1943 e 1946, participou de seminários no Instituto de Psicanálise² da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Em 1947, foi nomeado aderente, e em 1950 adquiriu a função de titular.

Quando Racker começou a pensar a contratransferência, quase não havia trabalhos a respeito, e sequer se vislumbrava seu valor como instrumento técnico. Fidas Cesio explica que o primeiro trabalho escrito por Racker sobre esse tema, “A neurose de contratransferência”, foi apresentado em setembro de 1948, um ano antes da publicação do trabalho de Winnicott, “O ódio na contratransferência”, de 1949, e dois antes do de Paula Heimann, “Sobre a contratransferência”, de 1950. Mas o fato a destacar é que, ao contrário desses outros autores, Racker continuou pesquisando e aprofundando-se sobre o tema até constituir um verdadeiro corpus teórico e editar um manual técnico. Entre os mais famosos de seus trabalhos dessa etapa, citamos “Observações sobre a contratransferência como instrumento técnico” (1952) e “Os significados e usos da contratransferência” (1953/1990c).

Sua visão enfrentou resistência proporcional à sua originalidade, mas seu compromisso com que o conceito fosse completamente compreendido em sua complexidade e profundidade trouxe um avanço notável para a teoria da técnica psicanalítica. Na APA, e depois na psicanálise latino-americana, o uso desse conceito foi tornando-se tão frequente e natural que possivelmente perdeu-se de vista que a utilização técnica da contratransferência, tal como nós a empregamos, é uma característica específica de nossa instituição.

Racker pensava – em sintonia com a proposta freudiana de que em nossa essência somos mais bondosos do que suspeitamos, e que em cada um há uma poderosa consciência moral inconsciente e sempre ativa – que o analista deve manter a consciência dessa parte boa para ajudar o paciente a integrá-la e compreender melhor seus sentimentos de culpabilidade. Também argumentava que na medida

em que a contratransferência é a resposta vivencial para a transferência, a rejeição do analista a alguns de seus próprios conteúdos psíquicos dificulta sua análise e trabalho, além de interferir em sua própria vida e no desenvolvimento de seu conhecimento. A análise desses conteúdos permite ao analista entender como aspectos do paciente correspondem a outros que são seus.

Com 50 anos, e pouco antes de sua morte prematura, em janeiro de 1961, Heinrich Racker viveu um momento ápice de sua carreira psicanalítica. Havia recebido uma das mais altas distinções do mundo psicanalítico daquele tempo: foi convidado como professor visitante pela Menninger School of Psychiatry, o que lhe daria a possibilidade de estudar, escrever e ensinar em um período sabático. Também havia sido convocado para participar do Congresso Internacional de Psicanálise, em Edimburgo, substituindo Hanna Segal, que, por sua vez, ocuparia o lugar deixado por Melanie Klein.

Em uma homenagem póstuma, Ángel Garma lembrou que nem em seus momentos mais difíceis Racker foi levado pela amargura ou desconfiança, porque os conteúdos bons de sua psique lhe permitiram seguir em frente. Apenas ocasionalmente, e entre amigos, aludia à piada sobre o judeu que tenta chegar ao centro de saúde em Karlsbad e que, por carecer de passagem, é expulso em cada controle pelo guarda do trem com golpes e pontapés. A cada vez, o pobre judeu volta a subir, e recebe igual tratamento. Quando lhe perguntam se achava que desse modo poderia chegar a seu destino, responde que tentará chegar “se sua constituição lhe permite”. Marie Langer (Associação Psicanalítica Argentina, 1961) disse que a Karlsbad à qual chegou, com seu físico vencido, foi ser aceito pela APA, e nessa oportunidade Racker escreveu:

Assim tive, no quadro modesto do meu talento, a oportunidade de criar, dedicando-me à pesquisa. Poder aliviar o sofrimento de outros seres humanos, e contribuir com algo para o conhecimento de como fazer isso, era o que desejava por um longo tempo, e com particular intensidade (p. 297).

Entre os escritos de Racker figura especialmente um pouco conhecido, seu livro *Psicanálise do espírito*, composto de conferências em diferentes áreas acadêmicas; entre elas, destaca-se “Caráter e destino” (Racker, 1956/1965). Lá, ele expõe o entrelaçamento entre interno e o externo, mente e corpo, ego e mundo, caráter e destino, afirmando que a posição do indivíduo frente a seu destino deriva diretamente do entrelaçamento entre *aquilo que experimenta e como o faz*. Racker afirma que os deuses reagentes do destino humano mudaram sua morada e agora vivem no psíquico, personificados como pulsações, instâncias e identificações que determinam afetos, defesas e modos de proceder. Sua conclusão é que todo o conhecimento do mundo se baseia em uma projeção do eu – de acordo com o que se grita, o eco responde.

O modo como a realidade é percebida e interpretada determina a conduta, e isso por sua vez influencia a realidade, modificando-a ou caindo em uma repetição tanática. Quem é incapaz de admitir em sua consciência o próprio desejo de roubar percebe o mundo atormentado por ladrões, e muitas vezes confirma seu conceito sendo roubado. Nosso autor também mostrou que existem aqueles que preferem ver-se como malvados para poder interpretar que estão rodeados de bondade. Cabe perguntar se essa “besta” – como chamou o câncer de fígado que tirou sua vida – não expressaria um aspecto negado de sua ira impotente contra suas dificuldades, a perseguição, o fato de não ter sido capaz de alcançar seu desejado título de médico, suas privações e sua luta para validar e difundir as suas ideias.

2. Atualmente, Instituto Ángel Garma.

Fidias Cesio relata que, em 1985, ao pesquisar a tragédia edípica³, reviveu a memória do caráter trágico de Racker, aquele que o havia impulsado à investigação dos fundamentos da psicanálise e da contratransferência. Ele o lembrou como o estrangeiro que falava um espanhol germanizado, reflexivo, “pesado”, pela profundidade das temáticas que abordava, estranho em seu contraste com a atitude despreocupada dos portenhos. Um Racker isolado e incompreendido, ardendo no desejo insatisfeito de comunicar o valioso que tinha. Poucos meses antes de sua morte, dedicava-se ao estudo psicanalítico do antijudaísmo. Reviver a tragédia vivida na Viena nazista, assim como aconteceu com Édipo em sua curiosa ânsia, levou-o a ser personagem de sua tragédia. Cesio nota que, precisamente nesse momento, apareceu o câncer que o levou à morte.

A teoria da técnica

Se se quisesse contar o “mito da situação analítica”, poderia começar dizendo que a análise é um assunto entre um doente e um saudável. A realidade é que é um assunto entre duas personalidades, cujo ego está pressionado pelo id, pelo superego e pelo mundo exterior, cada um com suas dependências internas e externas, angústias e defesas patológicas, cada um também uma criança com seus pais internos, e a resposta de toda essa personalidade, tanto do analisando quanto do analista, a cada um dos eventos da situação analítica (Racker, 1953/1990c, p. 230-231)⁴.

As limitações técnicas que entorpeciam a melhora dos pacientes, e o bom desenvolvimento do vínculo transferencial, preocuparam Racker de uma maneira especial. Nesse sentido, insistiu que a observação das ocorrências, sentimentos e, sobretudo, do posicionamento do analista em relação ao seu paciente, constituem a chave para desenvolver o trabalho analítico. Assim, ele derrubava o mito do analista objetivo e asséptico, que da posição de observador impassível observa seu paciente. Racker sugeriu que a tentativa de encarnar esse papel, com base na idealização de uma suposta objetividade analítica, leva à repressão e ao bloqueio da subjetividade. Alegou inclusive que o analista que não se entrega é como uma mulher frígida que não dá amor (Racker, 1959/1990a, pp. 50-51). No outro extremo, estaria o “colapso” na contratransferência, reações aparentadas com a passagem ao ato ou com o que nós agora como conhecemos como *enactment*, onde naufraga a abstinência e costuma aparecer a confissão contratransferencial.

Racker (1953/1990c) considerou que a genuína objetividade consiste em uma posição frente à própria subjetividade, baseada em uma forma de desdobramento interno “que capacita o analista a tomar-se a si mesmo (sua própria subjetividade ou contratransferência) como objeto de observação e análise contínua” (p. 231)⁵.

Com relação à dinâmica da transferência, esclareceu que não se trata de uma resistência, mas também do resistido, enquanto aquela volta a apresentar em cena

os sentimentos e conflitos dirigidos aos primeiros objetos de amor, agora deslocados na pessoa do analista (Racker, 1958/1990d, pp. 79-81). “Repetir em vez de recordar”, adquire nova luz quando assinala que o que não é evocado na consciência por meio de representações apresenta-se como defesas do ego em oposição a certos impulsos, ou também sob o disfarce de lembranças encobridoras que deslocam o que foi rejeitado.

A concentração espontânea da libido no analista deve-se, por um lado, tanto à necessidade libidinal quanto à compulsão à repetição e, por outro, à rejeição à emergência de antigos desejos e conflitos. Essa coleção de transferências não é criada pela análise, ela simplesmente se desdobra, já está lá. E o analista cumpre uma dupla função: é intérprete e objeto dos processos inconscientes. Enquanto colabora na criação da transferência, também mostra ao analisando seu caráter inadequado. Essa revivência dos antigos conflitos é o que Racker denominou neurose de transferência.

Na sua conceituação, é permanente e categórica a noção de correspondência entre os aspectos inconscientes do analista e do analisando. Portanto, a análise da neurose de transferência não é concebível sem o complemento da neurose de contratransferência.

Racker considerou que a primeira das tarefas fundamentais do analista é apreender ou intuir o inconsciente de seus analisando – seu impulsos, resistências e transferências inconscientes – para entender suas situações de conflito não resolvidas. O instrumento ideal para atingir esse fim é o próprio inconsciente, e evoca a expressão medieval: “só o igual pode conhecer o igual”. Racker (1958/1990d) dirá que “o inconsciente do outro só pode ser capturado, na medida em que a própria consciência está aberta aos instintos, sentimentos e fantasias” (p. 31)⁶. Captar os impulsos, afetos e defesas do paciente dificulta-se quando no analista ressoam conteúdos semelhantes rejeitados por ele, uma contrarresistência. Nessa circunstância, a contratransferência – enquanto resposta interna do analista – desliza em uma vertente neurótica. Diferentemente daqueles que englobam a contratransferência como o não analisado do analista, Racker a definiu como neurose de contratransferência.

Racker vai insistir enfaticamente que só pode intuir no paciente aquilo que o analista tenha aceitado dentro de si mesmo como algo próprio e, portanto, pode ser reconhecido no outro “sem angústia ou rejeição”. A possibilidade de analisar em si mesmo sentimentos de angústia, aborrecimento, desesperança ou culpa, que o analisando induz inconscientemente no analista, permite quebrar o círculo vicioso em que a neurose de transferência tenta cercar o esforço analítico, modificando com isso – a partir dos aspectos positivos da contratransferência – a própria transferência.

Sobre a clássica distinção da contratransferência como distorção, Heinrich Racker (1948/1990b) propôs que o analista “sabe muito bem que ele tampouco está totalmente livre de dependências infantis, representações neuróticas de objeto e sujeito, de mecanismos patológicos de defesa” (pp. 184-185)⁷. A neurose de contratransferência centra-se no complexo de Édipo, assim como a neurose de transferência, na qual são projetados sobre o analista certos objetos amorosos. No analista, certas características de seus pacientes podem servir para encarnar aspectos daquilo que carrega como pré-formado em si, como situação edípica interna. Racker cita abertamente situações nas quais a frustração do analista em conseguir o apaixonamento ou simplesmente a transferência positiva do analisando podem causar rejeição ou ódio. Também alude ao surgimento de ciúme ou inveja sobre os vínculos que algum analisando pode estabelecer fora do campo transferencial,

3. Cesio levanta uma diferenciação entre a psicose e neurose atual. A primeira se relaciona com o complexo de Édipo – decantação da relação com os pais da história pessoal e sucessivas identificações – conta com representações-palavra, e uma vez superada a repressão, torna-se acessível à interpretação. Ao contrário do material psiconeurótico, o material atual (neurose atual) não aparece ligada a representações-palavra, ou seja, não se representa, mas se apresenta *in actu*, irrompendo na sessão analítica como afecção ou letargia. Constitui uma manifestação da herança arcaica que persiste no ego como uma formação primordial, resultante da identificação direta com os antepassados – conhecida como núcleo pré-natal ou ego ideal –, cujos descendentes afloram como representações cadavéricas ou escatológicas, manifestações somáticas ou de angústia, atuações, acidentes ou situações trágicas.

4. N. T.: Tradução livre.

5. N.T.: Tradução livre.

6. N.T.: Tradução livre.

7. N.T.: Tradução livre.

sentimentos que poderiam coincidir com a dificuldade de certos pais para libertar seus filhos e que, analisados, traduzir-se-iam como um desejo de não curar.

Racker foi pioneiro na descrição da dinâmica implícita em numerosas situações clínicas, colocando em evidência a maneira pela qual a resposta do analisando à interpretação permitiria compreender o posicionamento desse último frente a seus primeiros objetos, tanto no momento edípico quanto, inclusive, em sua fase feminina. Com respeito à interpretação, assinalou que a mesma deveria conter não somente a descrição do reprimido, mas também – a fim de evitar a rejeição ou a desestima – deveria explicitar os motivos pelos quais os conteúdos inconscientes haviam sido rejeitados.

Além disso, para além do posicionamento edípico do analista, Racker referiu-se aos afetos na contratransferência, discernindo uma identificação concordante com o ego e o id de seu analisando, e também uma identificação complementar com seus objetos internos – especialmente superegóticos –, posição que contém o risco potencial de induzir passagens ao ato. A precisão de suas descrições sobre os aspectos neuróticos, maníacos ou masoquistas do analista resultou na antipatia de muitos colegas e mobilizou uma resistência significativa, a ponto de haver murmúrios de que “havia faltado análise” para aquele garoto.

Mas a conclusão fundamental que emerge, penso eu, com o estudo de seus escritos, é a aplicação do emprego da contratransferência não apenas como instrumento técnico, mas como aquilo que faz a ética da psicanálise: o analista precisa analisar-se constantemente para analisar outros.

Racker é atual?

O processo analítico de transformação depende (...) da quantidade e qualidade de Eros que o analista pode mobilizar por seu analisando. Trata-se de uma forma específica de Eros, é o eros que se chamaria de compreensão, e é também uma forma específica da compreensão. É, acima de tudo, compreensão do rejeitado, do temido e odiado no ser humano, e isso graças a uma maior força de luta – uma maior agressão – contra tudo o que encobre a verdade, contra a ilusão e negação; em uma palavra: contra aquele temor e ódio do homem contra si mesmo, e suas consequências patológicas (Racker, 1958/1990d, p. 55)⁸.

Racker se encontrará imerso no paradigma psicanalítico de seu tempo, aquele que proclamava que a neurose, além de representar o conflito entre diversos aspectos irreconciliáveis da personalidade – aspectos morais e sociais, de um lado, e outros instintivos e egoístas, do outro – implicava um predomínio dos impulsos agressivos.

Racker insistiu na luta contra o tanático, um ensinamento nada ingênuo, embora idealista. Em sua versão monista das manifestações de Thanatos, a destrutividade, a agressão e a ira surgirão da carência, tanto no paciente quanto no próprio analista. E se muitos colegas não concordaram com essa posição, o mesmo não aconteceu com o genial desenvolvimento da teoria da técnica.

Se o pensamento de Racker é de alguma forma atual, além da precisão conceitual e sua descrição da psicopatologia, é no nobre reconhecimento de nosso envolvimento na eterna luta entre Eros e Thanatos, implicação que não depende de uma época, mas do nosso compromisso e sinceridade com o que reconhecemos ser.

Referências

- Asociación Psicoanalítica Argentina. (1961). Acto de homenaje a Enrique Racker realizado el 30 de mayo de 1961. *Revista de Psicoanálisis*, 18(3), 277-298.
- Bianconi, P. e Boari, D. (1997). *Los aportes de Heinrich Racker al psicoanálisis*. (Inédito).
- Bradbury, R. (2005). *Fahrenheit 451*. Buenos Aires: Debolsillo. (Trabalho original publicado em 1953).
- Cesio, F. (1985). Heinrich Racker. *Revista de Psicoanálisis*, 42(2), 285-304.
- Cesio, F. (1993). Heinrich Racker: El descubrimiento de la contratransferencia. Evolución del concepto. *Revista de Psicoanálisis*, 50(3), 627-635.
- Cesio, F. (2000). *La gesta psicoanalítica de América Latina: Historia del Movimiento Psicoanalítico Latinoamericano integrado en la Asociación Psicoanalítica Internacional*. Buenos Aires: La Peste.
- Cesio, F. (2001). Heinrich Racker. *Revista de Psicoanálisis*, 58(3), 665-668.
- Freud, S. (1988). ¡Grande es Diana Efesia! Inx J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 12, pp. 366-368). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911).
- Haddad, G. (1993). *Los biblioclastas: El Mesías y el auto de fe*. Buenos Aires: Ariel. (Trabalho original publicado em 1990).
- Racker, H. (1952). Observaciones sobre la contratransferencia como instrumento técnico: Comunicación preliminar. *Revista de Psicoanálisis*, 9(3), 342-354.
- Racker, H. (1953). A contribution to the problem of counter-transference. *International Journal of Psychoanalysis*, 34(1), 313-324.
- Racker, H. (1955). Aportación al problema de la contratransferencia. *Revista de Psicoanálisis*, 12(4), 481-499.
- Racker, H. (1957). Contribución al problema de la estratificación psicopatológica. *Revista de Psicoanálisis*, 14(3), 276-291.
- Racker, H. (1965). Carácter y destino. In H. Racker, *Psicoanálisis del espíritu: consideraciones psicoanalíticas sobre filosofía, religión, antropología, caracterología, música, literatura, cine* (pp. 21-40). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1956).
- Racker, H. (1990a). *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. México: Paidós. (Trabalho original publicado em 1959).
- Racker, H. (1990b). La neurosis de contratransferencia. In H. Racker, *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. México: Paidós. (Trabalho original publicado em 1948).
- Racker, H. (1990c). Los significados y usos de la contratransferencia. In H. Racker, *Estudios sobre técnica psicoanalítica* (pp. 222-295). México: Paidós. (Trabalho original publicado em 1953).
- Racker, H. (1990d). Sobre técnica clásica y técnicas actuales del psicoanálisis. In H. Racker, *Estudios sobre técnica psicoanalítica* (pp. 41-110). México: Paidós. (Trabalho original publicado em 1958).

8. N.T.: Tradução livre.